

A ÉTICA DO CUIDADO DE CAROL GILLIGAN: DENÚNCIA E RESISTÊNCIA

CAROL GILLIGAN'S ETHICS OF CARE: DENOUNCEMENT AND RESISTANCE

Letícia Machado Spinelli¹

RESUMO

O artigo que segue pretende abordar o potencial transformador da ética do cuidado de Carol Gilligan destacando, por um lado, seu caráter de denúncia expresso no questionamento acerca da exclusão das experiências das mulheres na produção do conhecimento e, por outro, a sua verve de resistência manifesta no fato de que a ética do cuidado traz a produção teórica de uma mulher que trata de experiências femininas em sociedades patriarcais. Para tanto, serão explicitados os principais pontos da ética do cuidado de Gilligan assim como as reflexões por elas suscitadas em termos de críticas e reações.

Palavras-chave: Carol Gilligan, ética, cuidado, voz diferente.

ABSTRACT

This paper intends to address the transformative potential of Carol Gilligan's ethics of care, highlighting, on the one hand, its character of denunciation expressed in the question about the exclusion of women's experiences in the production of knowledge and, on the other, its verve of resistance manifests in the fact that the ethics of care brings the theoretical production of a woman who deals with female experiences in patriarchal societies. For this, the main points of Gilligan's ethics of care will be presented, as well as the reflections raised by them in terms of critics and reactions.

Keywords: Carol Gilligan, ethics, care, different voice.

¹ Possui Graduação (concluída em 2004), Mestrado (em 2007) em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Doutorado (2012) também em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Esteve vinculada, entre 12/2013 e 12/2018, na forma de estágio pós-doutoral (na modalidade PNPd), ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria onde atuou em atividades de Pesquisa, Ensino e Extensão. Desde 2019, é professora na Universidade Franciscana (UFN). Tem histórico de pesquisa associado ao estudo de Ética sob perspectiva da Filosofia Transcendental, com ênfase nos seguintes temas: mal moral, ordem moral dos móveis, natureza humana, comunidade ética, relações intersubjetivas e religião. Atualmente se dedica ao estudo da teoria do reconhecimento de Axel Honneth, abordando a estrutura argumentativa na qual se edifica os pressupostos básicos de sua reflexão bem como o seu debate com Nancy Fraser, em que se destacam os seguintes temas: teoria crítica, herança hegeliana, modelo de reconhecimento identitário, redistribuição e reconhecimento, conflito, etapas do reconhecimento, reificação e educação. E-mail: leticiamspinelli@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2552-9472>

“No momento em que escrevi esse livro, tomei consciência de um problema inerente à teoria psicológica, que era em parte um problema metodológico (a exclusão das mulheres e das pessoas de cor do campo dos estudos sobre desenvolvimento moral) e, em parte um problema teórico (o valor dado à autonomia e à racionalidade) que se tornaram critérios de desenvolvimento”(GILLIGAN, 2011, p. 37)

Carol Gilligan (na citação acima), em um olhar retrospectivo à sua obra seminal *Different Voice: Psychological Theory and Women's Development* (1982), sintetiza em poucas linhas o potencial de resistência e transformação inerentes à sua teoria. A ética do cuidado de Gilligan representa, em seu caráter embrionário, uma resistência epistêmica, uma vez que rompe com os paradigmas clássicos e hegemônicos do modo como a ética usualmente foi pensada e difundida. Dentro dessa abordagem de resistência e de contestação, Gilligan problematiza, por vezes diretamente e por vezes de modo velado, a vocação epistêmica a partir da qual tudo o que consideramos como conhecimento foi produzido, em que se destaca a exclusão das mulheres e de suas experiências.

O conhecimento vem sendo, durante séculos, apresentado como resultado de um processo neutro e objetivo. Contudo, o que denominamos de conhecimento vem encerrado em redes de poder e, portanto, de subalternidade. Ou, como afirma Donna Haraway (1995, p. 10), “todo conhecimento é um nódulo condensado num campo de poder agonístico”. Foucault (1996, pp. 8-9), por sua vez, já tematizara que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos”. A economia do discurso inclui e exclui saberes como válidos e legítimos como forma de enquadrar e disciplinar o discurso. Essa veia retórica e disciplinar centralizou a experiência masculina, branca, heteronormativa e centrada no norte global como sendo a fonte do conhecimento. É preciso ter em mente que o que denominamos conhecimento não está imune às históricas tensões humanas manifestadas na hierarquia social e na servidão. Essas contendas repercutem no campo epistêmico à proporção que se divide o saber como legítimo e ilegítimo, válido ou inválido. A respeito dessa dualidade, Kheel observa (1996, p. 18) que: “1) a primeira metade da dualidade é sempre mais valorizada do que a outra; e 2) a metade mais valorizada é sempre vista como ‘masculina’ e a metade menos valorizada, como ‘feminina’”. O sistema patriarcal não se restringe à dominação das mulheres pelos homens na intersecção usos e costumes, mas, justamente por ser sistêmico, atua nos domínios mais variados inclusive no epistemológico. Afloram, na contemporaneidade, reivindicações pelo reconhecimento de novos e diferentes modos de sentir, pensar, conhecer e refletir e, Gilligan, sem dúvida, é uma das mais proeminentes protagonistas dessas reivindicações.

Tomando como pano de fundo a ética do cuidado dentro do seu matiz revolucionário, o artigo que segue, em um primeiro momento, apresenta o escopo da ética do cuidado de Carol Gilligan com ênfase na noção de “voz diferente”, em seguida, serão apresentadas algumas críticas mais gerais e outras mais específicas destinadas à teoria de Gilligan, por fim, e de modo breve, abordaremos a ética do cuidado enquanto uma ética feminista. Esses três momentos não só se relacionam reciprocamente no sentido de dar sentido um ao outro como também convergem para a tese de que a ética do cuidado de Carol Gilligan atua, no campo epistêmico, como uma teoria de denúncia e resistência.

A ÉTICA DO CUIDADO DE GILLIGAN COMO VOZ DIFERENTE

Dois textos são fundamentais para atender ao intento de traçar a vocação embrionária da ética do cuidado de Carol Gilligan: *In a Different Voice: Womens's Conceptions of Self and of Morality* (1977) e *Different Voice: Psychological Theory and Women's Development* (1982). O segundo tornou-se mais afamado do que o primeiro, contudo, ambos se correlacionam e complementam. No texto *In a Different Voice: Womens's Conceptions of Self and of Morality* (1977), Gilligan aponta que a teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg apresenta e dá validade apenas às percepções associadas à experiência masculina. Em *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*, Gilligan pretende, a partir das fragilidades da teoria do desenvolvimento de moral de Kohlberg, pôr em destaque a experiência moral das mulheres. Inicialmente, a autora se dedica a teorias da psicologia do desenvolvimento, com especial atenção à teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg e, buscando analisar as limitações dessas investigações, ela conclui que as experiências das mulheres não são tomadas como material de análise relevante. Constatando essa lacuna, Gilligan empreende o trabalho de construir uma teoria que dedique a entender a experiência das mulheres. Tanto que ela escreve que: “Para as mulheres espero que este trabalho ofereça uma representação de seu pensamento que lhes permita ver melhor sua integridade e validade”(GILLIGAN, 2003, p. 03). Para viabilizar essa empreitada de buscar e tematizar a experiência das mulheres, Gilligan não só recorre à psicologia e à literatura como também a entrevistas a partir das quais constata que as percepções morais das mulheres diferem das noções habitualmente veiculadas pela psicologia do desenvolvimento de Kohlberg.

A teoria de Gilligan guarda como o pressuposto embrionário a ideia de “que a forma como as pessoas conversam sobre suas vidas é importante, que a linguagem que elas usam e as conexões que fazem revelam o mundo que elas veem e no qual agem”(GILLIGAN, 2003, p. 02). Trata-se da vinculação entre identidade e percepção moral, em que o modo como as pessoas se concebem, isto é, o modo como elas veem a si mesmas, influencia no modo como percebem a moralidade. Daí a importância da escuta e das entrevistas que serviram como base para a sua teoria. Nesse ponto, é de extrema importância o trabalho de Nona Lyons apresentado no texto *Two Perspectives: On Self, Relationships, and Morality* (1983). Lyons resgata a tese de Gilligan nos seguintes termos:

Gilligan sugeriu que as concepções de *self* e moralidade podem estar intrinsecamente ligadas. Em suma, Gilligan apresentou as seguintes hipóteses(1) que existem dois modos distintos de julgamento moral - justiça e cuidado - no pensamento de homens e mulheres; (2) que estes são relacionados ao gênero; e (3) que os modos de julgamento moral podem ser relacionados a modos de autodefinição. (LYONS, 1983, p. 127)

Lyons, a partir da tese de vinculação entre identidade e percepção moral, entrevistou 36 pessoas: homens e mulheres de faixas etárias variadas². Tal entrevista contou com duas perguntas as quais tem como finalidade conjugar percepção moral e percepção identitária, a saber: “o que a moral significa para

2 A amostra modesta em vista do fim suntuoso que pretende alcançar é alvo de severas críticas por parte de Scott: “Gilligan e outros extrapolam sua própria descrição, baseados numa pequena amostra de alunos americanos do fim do século XX para todas as mulheres”(SCOTT, 1989, p. 18),

“você?” e “como você se descreveria?”. Os resultados obtidos a partir das respostas a esses questionamentos convergem para viabilizar a tese da associação entre a percepção moral e o modo como as pessoas veem a si mesmas. Dentro, ainda, desse segmento, Lyons (1983, pp. 125-126) observou que há uma diferença de padrão de respostas segundo o gênero: os homens concebem a moralidade nos termos de justiça, ao passo que as mulheres percebem a moralidade em termos de sensibilidade e responsabilidade, traduzindo, portanto, uma perspectiva de cuidado. No que tange ao questionamento acerca de como se descreveriam, homens e mulheres também apresentaram respostas distintas: homens definem a si mesmos como “separado e objetivo” enquanto as mulheres se definem como “conectado e interdependente em sua relação com os outros” (LYONS, 1983, p. 127).

Abordar a ética do cuidado nos termos de uma voz diferente é justamente pôr em destaque um tipo de experiência moral que não é explorada nem tematizada nas teorias morais “tradicionais”, a saber, a experiência das mulheres. A voz diferente é diferente porque não representa o modo hegemônico masculino que domina a produção de conhecimento e as análises clássicas. Essas vozes, hegemônica e diferente, denotam duas maneiras de falar sobre a moralidade e perceber a realidade das relações e interações intersubjetivas. Os saberes localizados (HARAWAY, 1995) visam justamente denunciar que o que se concebe como objetivo e neutro, a bem da verdade, atua como um modo de rechaçar os conhecimentos situados de grupos socialmente marginalizados. Haraway (1995) observa que, assim como uma fotografia não traz a representação universal do mundo, mas uma visão localizada, a epistemologia é um saber localizado dentro de uma certa situação³. A ética do cuidado enquanto voz diferente procura pôr em destaque a experiência e a percepção moral dentro da situacionalidade do ser mulher e, de modo mais preciso, a experiência de ser mulher numa sociedade patriarcal em que se impõe a associação entre o cuidado e o feminino. Essa voz diferente, que foi silenciada e inferiorizada, ganha destaque e relevância uma vez que mostra a experiência do contra-hegemônico, do outro, do subalternizado.

A voz diferente que descrevo [diz Gilligan] é caracterizada não por gênero, mas por tema. A sua associação com as mulheres é uma observação empírica, e é principalmente através das vozes das mulheres que eu traço seu desenvolvimento (GILLIGAN, 2003, p. 02).

Gilligan (2011, p. 41) observa que a identidade entre o cuidado e a mulher só se dá no contexto de uma sociedade patriarcal marcada por papéis e hierarquia de gênero. Interessante, nesse ponto, trazer a noção de estereótipo definido por Saffioti (1987, p. 37) como “uma espécie de molde que pretende enquadrar a todos, independentemente das particularidades de cada um”. O estereótipo divide e essencializa homens e mulheres a partir da atribuição de características supostamente oriundas do gênero. Dentro dessa moldura homens e mulheres não só são separados por gênero, mas também homogeneizados dentro de seu próprio gênero, uma vez que se supõe como universalmente presente nos homens a racionalidade e a habilidade assim como universalmente presente nas mulheres o sentimentalismo e a vocação ao cuidado.

³ “Estou argumentando a favor de políticas e epistemologias de alocação, posicionamento e situação nas quais parcialidade e não universalidade é a condição de ser ouvido nas propostas a fazer de conhecimento racional. São propostas a respeito da vida das pessoas; a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo” (HARAWAY, 1995, p. 30).

Numa sociedade dividida por estereótipos, o cuidado é associado às mulheres de maneira que uma ética que o tenha como principal referência também é, nem primeiro momento, associada às mulheres. Isso, contudo, e conforme veremos, não pretende reservar o cuidado como sendo um domínio estritamente feminino, ou seja, a ética do cuidado não é para mulheres, mas é sobre mulheres, pois se dá em um contexto de divisão de papéis de gênero em que o cuidado é visto como uma obrigação/aptidão feminina. Superar essa conjuntura de divisão por gênero implica em admitir a ética do cuidado como uma ética para além do gênero, isto é, como uma ética humana.

ALGUMAS CRÍTICAS À ÉTICA DO CUIDADO

Gilligan é uma referência obrigatória quando falamos em ética do cuidado. Isso se deve quer ao pioneirismo da sua teoria quer em vista das múltiplas reflexões por ela despertadas. O maior mérito da teoria de Gilligan foi, e é, sem dúvida, o que ela foi capaz de mover e despertar quer enquanto crítica quer enquanto continuidade. A fertilidade da ética do cuidado de Gilligan não se restringe à contribuição junto à teoria ética nos termos de um novo modo de pensar as relações e os critérios de ação, mas, também, por ter despertado muitas reações valiosas em termos de crítica. A reação crítica, vale dizer, é de extremo valor uma vez que mostra o potencial reflexivo de uma determinada investigação. Gilligan, por seu turno, teve sua teoria como objeto de várias apreciações que permitem não só entender as fragilidades de sua ética do cuidado como também o que pode ser pensado a partir dela.

Quanto à fragilidade, Scott (1989), por exemplo, aponta para a inconsistência da base empírica a qual serve como sustentação à ética do cuidado: “Gilligan e outros extrapolam sua própria descrição, baseados numa pequena amostra de alunos americanos do fim do século XX para todas as mulheres” (SCOTT, 1989, p. 18). Scott põe em questão que a envergadura da tese de Gilligan deveria ter uma base que fosse suficientemente sólida para confirmar a sua profundidade. A pequena amostra de pesquisa é insuficiente para o que, a partir dela, se pretende defender. Esse, contudo, e um ponto que, embora relevante, pode ser deixado de lado sem que se inviabilize a abordagem crítica. Isto é, mesmo se admitindo a base empírica da pesquisa de Gilligan como viável, ainda resto espaço para a especulação crítica acerca de sua teoria. Ainda com Scott, temos a acusação de que Gilligan adota uma posição essencialista de gênero: “a sua noção é a-histórica, definindo a categoria mulher/homem como uma oposição binária que se autorreproduz, estabelecida sempre da mesma forma” (SCOTT, 1989, p. 18). A partir dessa fala de Scott temos verbalizada uma das críticas mais costumeiras à Gilligan, a saber, a de essencializar, petrificar, as categorias de homem e mulher de maneira a, de certo modo, agenciar diferenças de gênero. O que resta problemático dessa abordagem é a oposição binária que separa homens e mulheres como agentes que percebem o mundo de modo distinto e agem de modo distinto pelo fato de serem homens e mulheres, o que redundava num determinismo de gênero.

Dentro desse mesmo segmento, mas de modo um pouco mais aprofundado, Marilyn Friedman (2011) observa que

a moralização do gênero está mais relacionado com o modo que nós *acreditamos* raciocinar que com o qual nós propriamente raciocinamos - mais com preocupações morais que nós

atribuímos aos homens e às mulheres que com as verdadeiras diferenças estatísticas existentes entre o raciocínio moral de homens e aqueles de mulheres (FRIEDMAN, 2011, p. 85).

Friedman denuncia que a posição de Gilligan endossa o imaginário popular acerca das características que atribuímos a homens e mulheres, não só engendrando certo determinismo biológico, mas, em consequência disso, não problematizando o gênero enquanto uma construção social. Falar em determinismo de gênero implica em afirmar que constantes da natureza, isto é, o fato de nascer com um corpo atribuído ao masculino ou um corpo atribuído ao feminino, condiciona constantes sociais, quer dizer, condiciona que pessoas detentoras de um certo corpo (masculino ou feminino) terão em determinado comportamento em vista de terem nascido em um ou outro corpo. Ao determinismo biológico se opõe o construcionismo social, cuja premissa é de que as identidades são socialmente construídas. Trata-se, de uma postura existencialista, a qual a existência precede a essência, de maneira que o que identificamos como comportamento feminino e com comportamento masculino são fruto de construções e condicionamentos sociais. Assim e, para encerrar esse ponto, Gilligan estaria essencializando homens e mulheres por não atentar, de modo mais enfático, que o cuidado não constitui em uma característica da mulher, mas de um atributo socialmente identificado com a mulher. Ademais, e dentro desse jaez, Gilligan, não só diferenciaria homens e mulheres como também homegeinizaria mulheres entre si e homens entre si.

Esse ponto abre ensejo para outra teórica crítica da ética do cuidado de Gilligan, Joan Tronto. A autora, contudo, guarda a especificidade de não apenas fazer a crítica a Gilligan, mas em construir algo a partir das fragilidades que aponta: “Joan Tronto compõe o núcleo de teóricos que, a propósito da ética do cuidado, não procura simplesmente rejeitá-la, mas em repudiando uma certa estrutura reflexiva já arraigada, intenta a sua reformulação” (SPINELLI, 2019, p. 245). Mobilizando questões mais amplas relativas à grupos marginalizados e hierarquias sociais, Tronto pretende denunciar que Gilligan adota uma abordagem excessivamente restrita da noção de cuidado: “sugerindo que a ética do *care* está ligada ao gênero, Gilligan exclui a possibilidade de que o *care* seja uma ética criada na sociedade moderna por certas condições de subordinação” (TRONTO, 2011, p. 53). A crítica de Tronto pretende destacar que o excesso de ênfase por Gilligan concedida à questão de gênero resulta por ocultar outras dinâmicas de poder inerentes à vida social.

ninguém examinou os membros de grupos minoritários usando a metodologia de Gilligan para ver se suas perspectivas são melhor descritas pela ética do *care* que pelas categorias Kohlberg. A pesquisa do aborto de Gilligan, como o trabalho de Kohlberg, têm a limitação de se concentrar apenas nas pessoas do classes avantajadas (TRONTO, 1987, p. 6).

Tronto com sua abordagem pretende alargar a noção de cuidado enquanto voz diferente à grupos sociais marginalizados nos quais a noção de gênero aparece como uma categoria necessária, mas não suficiente. A autora indica uma abordagem celetista de Gilligan frente ao recorte de classe em que se estudou um grupo não só homogêneo, mas socialmente privilegiado. A questão é que a teoria de Gilligan se centra no pressuposto da voz diferente associada ao gênero feminino porque centrou sua “amostra” em mulheres. Caso ampliasse seu público de análise poderia ter desenvolvido uma tese distinta. Tronto observa que o recorte de gênero, classe, raça e etnia é fundamental para pensar o cuidado de maneira que o converte em categoria de análise política.

A autora, inclusive, cita estudos (2009, pp. 120-121; 2011, p. 56) que também, assim como o estudo de Gilligan, tratam do desenvolvimento moral, contudo, tomando o recorte de raça e classe como paradigma. Nesses estudos se percebeu que, no que tange a grupos socialmente marginalizados, o gênero não aparece enquanto uma categoria de distinção frente à abordagem moral. Harding (1987) fala de uma coincidência entre uma ética feminina e o modelo africano de ética destacando as similitudes dessas abordagens para além da questão de gênero. Com isso, Tronto pretende colocar em destaque que a voz diferente, por Gilligan atribuída às mulheres, na verdade carrega uma verve política que transcende o gênero, se situando em grupos não hegemônicos que, embora incluam gênero, não se restringe a essa categoria.

A ÉTICA DO CUIDADO COMO UMA ÉTICA FEMINISTA

Gilligan (2013) fala da ética do cuidado, enquanto em uma ética fundada na relação com o outro, como uma ética da resistência à injustiça. Trata-se de um modelo ético que é feminista por resistir ao patriarcado, quer dizer resistir às dicotomias habituais de emoção e razão que aprisionam e essencializam homens e mulheres. Gilligan, contudo, com o passar do tempo e considerando as críticas adquiriu maturidade na transmissão da sua teoria. Nesse ponto, é interessante sua distinção entre uma ética feminina e ética feminista:

A ética feminina do cuidado se revela pelo o que ela é: uma ética patriarcal que justifica o silêncio que as mulheres impõem si mesmas e à sua subordinação em nome da bondade. (...) Resistindo ao patriarcado, uma ética feminista do cuidado resiste às dualidades e hierarquias de gênero (GILLIGAN, 2013, p. 44).

O potencial revolucionário da ética do cuidado não se restringe ao desnudar da construção de teorias dentro da lógica patriarcal, mas também na proposta de alçar o cuidado como uma ética humana e, portanto, desassociada ao gênero. Nisso vem implícito um rompimento com estereótipos e papéis de gênero, pois retira o cuidado como uma atribuição e característica do feminino. O rompimento com o poder patriarcal repercute numa universalização do exercício do cuidado sem o paradigma mediador do gênero: “A voz diferente é uma voz de resistência às dualidades e hierarquias, e a ética do cuidado, com sua atenção à voz (que cada um tem uma voz e seja escutado e entendido) e às relações, é uma ética de uma sociedade democrática”(GILLIGAN, 2011, p. 38).

Se o cuidado aparece como uma ética vinculada às experiências das mulheres isso é menos em vista de uma vocação do que uma convenção. A conexão, a empatia e a responsabilidade devem constituir em imperativos de ação e convivência independentemente do gênero. Em dissonância com a clássica posição de Hobbes⁴, e se servindo de estudos da neurobiologia e da antropologia evolucionista, Gilligan (2013, p. 48) defende que “nós somos por natureza *homo empathicus* em vez de *homo lupus*”. Assim, segundo Gilligan, mais do que o questionamento acerca da aquisição da capacidade de nos preocuparmos com os outros assim como o senso cooperativo, é necessário indagar como nos perdemos essa capacidade no sentido de tê-la presente em nossas relações. Buscando o diagnosticar essa perda, Gilligan,
4 Hobbes, teórico do contratualismo, em sua afamada obra, *Leviatã*, defende que o homem é mau por natureza, popularizada na máxima “*Lupus est homo homini lúpus*” (*o homem é lobo do homem*).

em seus estudos mais recentes, insere mais elementos os quais tornam a ética do cuidado não só mais clara teoricamente como mais rica em aspectos conceituais:

Associando a psicologia e a política da resistência ética, David Richards e eu constatamos que a perda das capacidades relacionais e o bloqueio da compaixão e da conexão emocional advém de uma ruptura traumática das relações, uma ruptura que foi necessária para o estabelecimento da ordem patriarcal (GILLIGAN, 2013, p. 49).

Considerando esses pontos, a teoria ética de Gilligan é muito mais feminista do que feminina: mais do que se ocupar em descrever as experiências morais das mulheres como intuições ou vocações, visa, denunciar, por um lado, que as teorias éticas tradicionais têm negligenciado a dualidade de gênero forjada por convenção e hierarquizada e, por outro, guarda como propósito embrionário a centralidade do cuidado enquanto uma ética universal. Nessa sua vocação vem associado tanto seu potencial revolucionário e transformador quanto a fonte do seu descrédito: “a ética feminista do cuidado é atacada porque e feminismo é atacado”(GILLIGAN, 2011, p. 41).

Gilligan propõe, e tem consciência de sua contribuição, um novo modo de refletir acerca da moral que se constitui em um marco nas chamadas teorias éticas contemporâneas porque rompe com um modo de pensar já arraigado e consolidado. A ética como foi concebida até então (sobretudo no chamado modelo da justiça) primava por uma abordagem abstrata, objetiva, neutra com forte insistência no papel da racionalidade. A ética do cuidado de Gilligan, por sua vez, detém uma abordagem contextual, que favorece a conexão e as impressões subjetivas assim como o papel das emoções em que se destaca a experiência feminina frente à percepção ética. Todo esse aparato teórico repousa no berço de que essas constatações são só válidas no contexto de uma sociedade patriarcal e, por isso, seu potencial transformador. Conjugando gênero com uma abordagem crítica frente ao patriarcado, a teoria de Gilligan se põe em destaque por romper simultaneamente com vários paradigmas. Vale dizer, mais uma vez que, embora essa teoria carregue possíveis inconsistências - tais como as apresentadas na seção sobre as críticas- isso não abala o seu potencial transformador e sua vocação à denúncia e à resistência.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FRIEDMAN, Marilyn. Au-delà du care: dé-moraliser de genre. In: LAUGIER, S. & PAPERMAN, P. (dir.). *Le souci des autres. Éthique et politique du care*. Trad. de por Bruno Ambroise. Paris: éd. de l'EHESS, 2011, p. 79-102.

GILLIGAN, C. “In a Different Voice: Womens’s Conceptions of Self and of Morality”. *Harvard Educational Review*, 47 (4), p. 481-517, 1977.

GILLIGAN, C. **In a Different Voice**: Psychological Theory and Women’s Development. Cambridge: Harvard, Thirty-eighth printing, 2003.

GILLIGAN, C. Une voix différent: um regard propectif à artir du passé”. In: LAUGIER, S. & PAPERMAN, P. (dir.). **Le souci des autres. Éthique et politique du care**. Trad. de por Bruno Ambroise. Paris: éd. de l'EHESS, 2011, p. 37-50.

GILLIGAN, C. Résister à l'injustice: une éthique féministe du care. In: GILLIGAN, HOCHSHILD, TRONTO (Org). **Contre l'indifférence des privilégiés**. À quoi sert le care. Paris: Payot, 2013, p. 35-68.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: **Cadernos Pagu** (5) 1995: p. 07-41

HARDING, Sandra. “The curious coincidence of feminine and african moralities: challenges of feminine theory”. In: KITTAY, F.; MEYERS, D.T. (Orgs). **Woman and Moral theory**. Rowman & Littlefield. p. 296-315, 1987.

KHEEL, M. The Liberation of Nature: A Circular Affair. In: DONOVAN, J; ADAMS, C. J. (eds.). **Beyond Animal Rights: A Feminist Caring Ethic for the Treatment of Animals**. New York: Continuum, 1996, p. 17-33.

LYONS, N. Two Perspectives: On Self, Relationships, and Morality (v. 53, n. 2). **Harvard Educational Review**, 1983.

SAFFIOTI, H.. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Trad. de Christine Rufino Dabat Maria Betânia Ávila. 1989. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 14 de abril de 2021.

SPINELLI, L. Contra uma moralidade das mulheres: a crítica de Joan Tronto a Carol Gilligan. **Ethic@**. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 18, n. 2, p. 245-262. Set., 2019.

TRONTO, Joan C. Más allá de la diferencia de género. Hacia una teoría del care. Traducción del Programa de Democratización de las Relaciones Sociales. Escuela de Posgrado. Universidad Nacional de General San Martín. In: **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 12, University of Chicago, 1987.

TRONTO, Joan C.. « Au-delà d'une différence de genre. Vers une théorie du care ». In: LAUGIER, S. & PAPERMAN, P. (dir.). **Le souci des autres. Éthique et politique du care**. Trad. de por Bruno Ambroise. Paris: éd. de l'EHESS, 2011, pp. 51-79.

TRONTO, Joan C.. **Um monde vulnerable. Pour une politique du care**. Avant-propos de Liane Mozère. Préface inédite de l'auteure. Trad. par Hervé Maury. Paris: Découverte, 2009.